

O PROFESSOR PDE E OS DESAFIOS
DA ESCOLA PÚBLICA PARANAENSE
Produção Didático-Pedagógica

2010

VOLUME I



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

ESCOLA DE IMPLEMENTAÇÃO: COLÉGIO ESTADUAL DOM PEDRO I

SUELI CELEIDE DE SOUZA

BREAK: UMA CULTURA CORPORAL

A atuação da Educação Física escolar dentro da prática corporal e ideológica do
Break



Londrina
2011

UNIDADE DIDÁTICA

Entre outros conteúdos da Educação Física, a dança apresenta papel fundamental enquanto atividade pedagógica, por possibilitar o despertar do aluno para uma relação concreta de sujeito-mundo.

Suas práticas, geradoras de ação e compreensão, favorecem a estimulação para a ação e decisão, e também reflexão sobre os resultados de suas ações, reforçando assim a autoestima, a autoimagem, a autoconfiança e o autoconceito.

Nesta perspectiva, Pereira (2001, p. 61) coloca que:

A dança é um conteúdo fundamental a ser trabalhado na escola: com ela, podem-se levar os alunos a conhecerem a si próprios e/com os outros; a explorarem o mundo da emoção e da imaginação; a criarem; a explorarem novos sentidos, movimentos livres. Verifica-se assim, as infinitas possibilidades de trabalho do/para o aluno com sua corporeidade por meio dessa atividade.

Observa-se assim que através das atividades de dança pretende-se que os alunos evoluam quanto ao domínio de seu corpo, desenvolvendo e aprimorando suas possibilidades de movimentação, descobrindo novos espaços e novas formas, visando a superação de suas limitações e condições para enfrentar novos desafios quanto aos aspectos motores, sociais, afetivos e cognitivos.

No entanto, diante a realidade escolar que estou inserida observa-se a resistência quanto à implementação de propostas de dança, tanto pelos alunos quanto pelos professores.

Dessa forma, torna-se necessária a aproximação do conteúdo que será desenvolvido com a realidade do aluno, buscando a possibilidade de que suas experiências e vivências poderão favorecer o processo de construção da formação humana (MARQUES, 2003).

Nesse sentido, acredita-se que a dança vem ao encontro da Educação Física pela perspectiva de desenvolvimento de um trabalho como elemento cultural do movimento.

Assim, pretende-se desenvolver este trabalho com alunos do primeiro e segundo ano do ensino médio do Colégio Estadual Dom Pedro I, tendo como Objetivo geral discutir a contribuição do “Break” na formação crítica, reflexiva e humanista, proporcionando aos alunos a oportunidade de vivenciar uma cultura

corporal como forma de expressão crítica da realidade escolar.

“O movimento Hip Hop, originado da necessidade de sociabilidade de jovens das periferias de grandes centros urbanos, oferece ao espaço urbano (bairros, ruas, esquinas, escolas) elementos de identificação e formação para adolescentes, que se traduzem na resistência à ideologia dominante, discriminadora e mercadológica, que constitui a indústria cultural e seus símbolos.” (MAGRO; 2002 p. 68).

Sendo assim, acredita-se que tal movimento possa proporcionar a integração buscando desenvolver a capacidade e as habilidades sociais, motoras, cognitivas e psíquicas do aluno.

Dentro da proposta do movimento hip hop, observa-se que o hip hop DJ entra como um operador de discos, que faz bases e colagens rítmicas sobre as quais se articulam os outros elementos, sendo considerado um músico, e o Break, aliado ao grafite, possibilita o direcionamento da maioria dos objetivos anteriormente assinalados, por permitir a reflexão da realidade social, com a utilização do corpo e suas potencialidades como meio de expressão. (MAGRO; 2002)

A partir do exposto vê-se que, num processo de longo prazo, a Educação Física deve levar o aluno a descobrir motivos e sentidos nas práticas corporais, favorecendo o desenvolvimento de atitudes positivas levando à aprendizagem de comportamentos adequados à sua prática, ao conhecimento, compreensão e análise de seu intelecto, e ainda dirigir sua vontade e emoção para a prática e a apreciação do corpo em movimento.

A DANÇA NO AMBIENTE ESCOLAR

O profissional de Educação Física que atua no ambiente escolar tem na dança mais uma opção para o aumento das possibilidades e potencialidades de movimento, e a consciência corporal para atingir seus objetivos durante as aulas que estão relacionadas à educação, a saúde, a prática esportiva, a expressão corporal e artística. Tudo isso pode contribuir para o enriquecimento de sua prática profissional favorecendo principalmente suas atuações, auxiliando na construção de um currículo diversificado.

Assim, é possível afirmar que a dança enquanto um processo educacional contribui para o aprimoramento das habilidades básicas, dos padrões fundamentais do movimento, desenvolvimento das potencialidades humanas e sua relação com o mundo.

Com relação às dimensões que a dança proporciona ao educando, inicia-se pela dimensão social, em que a mesma permite criar condições para estabelecer relações com as pessoas e com o mundo. Já à dimensão biológica, possibilita conhecer o seu corpo e suas possibilidades de movimento. Quanto à dimensão intelectual, observa-se a contribuição para a evolução do cognitivo, e em questões filosóficas, contribui para o autocontrole, o questionamento e a compreensão do mundo. (MARQUES, 2003)

Mesmo com todos estes benefícios que foram descritos, a utilização da dança como um conteúdo nas aulas de Educação Física, parece ser pouco utilizado. Acredita-se que esta não utilização possa ter relação com a esportivização predominante nas aulas, e ainda pela falta de preparo e até mesmo preconceito em relação a este conteúdo por parte de alguns profissionais.

Para Rangel (2002, p. 61) tal desprezo quanto a este conteúdo, pode ser explicado da seguinte forma:

É certo que a pouca utilização desta atividade em propostas escolares, pode ser um reflexo de sua situação nos cursos de graduação em Educação Física (licenciatura), da visão que os graduandos têm a respeito da dança e, conseqüentemente, do enfoque que a mesma tem recebido, além da falta da licenciatura em cursos superiores de dança.

Defende-se que através de vivências corporais prazerosas e diversificadas do conhecimento do funcionamento do corpo em movimento, que o aluno poderá formular o saber sistematizado da cultura corporal, compreendendo e possibilitando mudanças no seu cotidiano.

Nesse sentido, a Educação Física deve ser tomada como uma área de conhecimento da cultura corporal e de movimento que integra o ser humano, funcionando como componente importante na construção de cidadãos (FREIRE, 2003), atuando na produção cultural, reproduzindo-a e transformando-a.

Nessa área de atuação pode-se usufruir de jogos, esportes, lutas, danças e ginásticas em benefício do exercício crítico da cidadania e até mesmo da melhoria de vida da população em geral. Sendo uma área do conhecimento diretamente

ligada ao corpo do educando, entende-se que sua importância e seu significado implicam em contemplar múltiplos conhecimentos produzidos e usufruídos a respeito dele.

Assim, a dança é defendida por possibilitar a integração entre o conhecimento intelectual e suas habilidades criativas, conforme aponta Lacam apud Marques (1999).

A dança na educação permitia uma integração entre o conhecimento intelectual do aluno e suas habilidades criativas, permitia que ele percebesse com maior clareza as sensações contidas na expressão dramática do indivíduo, quer na dança teatral ou comunitária. A partir da compreensão das qualidades do movimento, implícitas nas diversas formas de expressão humana, o aluno, harmonicamente, poderia ser educado através do movimento/dança. (LABAN apud MARQUES, 1999, p.35).

Nesse sentido, a vivência da dança na educação, deve articular a criação pessoal e coletiva de movimentos, integrando a razão e o sensível, o individual e o coletivo, a arte e a educação, buscando-se alcançar qualidades físicas e psíquicas próprias para a formação integral do ser humano. (MARQUES, 2003)

Observa-se então que a escola deve ofertar as mais diversas modalidades de dança, privilegiando a experiência de maneira livre e espontânea. Ela tem o papel de instrumentalizar e construir conhecimento através da dança com seus alunos, visto que esta é considerada um elemento essencial para a educação do ser social. (FREIRE, 2003)

Portanto, sabendo-se que a dança é uma das maiores catalisadoras da manifestação e expressão do movimento humano, no âmbito educativo escolar ela pode ser usada como meio de crítica social, questionamento de valores, padrões ou modismos, ou ainda, como processo performativo, trabalhando-se o movimento, sensações e sentimentos.

HIP HOP

Conhecido como a cultura das ruas, o *hip-hop* tem, em sua configuração, a presença de diversos elementos da indústria cultural. Embora não esteja ligado

somente à juventude, é, especialmente, entre as pessoas dessa faixa etária que se encontra grande parte dos participantes ou aficionados desse gênero cultural, nas grandes metrópoles brasileiras.

É um movimento que se apropria de quatro formas artísticas para o questionamento das injustiças sociais e renegociação em busca de apropriações que permitam a inserção dos participantes, discriminados ou não, na sociedade.

Conforme afirma Pimentel (1998) sobre o hip hop.

É dessa maneira que a conscientização do hip hop acontece. A arte e suas possibilidades são uma espécie de doce, ganho quando certas lições são aprendidas. No rap. Por exemplo, ganha prestígio quem tem uma poesia mais elaborada. Como para fazer uma boa letra é preciso estudar história, compreender a situação, a realidade e, mais importante, inventar maneiras de expressar tudo isso com as palavras, o processo de educação não acontece mais como uma obrigação vazia, passa a ter sentido. (PIMENTEL, 1998, p.15)

A partir dessa dinâmica, o *hip-hop* surgiu nos Estados Unidos (EUA), no *Bronx*, no final dos anos 70, desenvolvido por jovens afro-americanos e por caribenhos, como uma nova expressão cultural, em um momento de transição da cidade nova-iorquina, mergulhada no desemprego, na crise da industrialização, no aumento da violência, fatores que incidiam diretamente sobre a juventude (SILVA, 1999).

Um de seus introdutores e maiores incentivadores no Brasil foi o *rapper* Nelson Triunfo, que, ainda nos anos 80, levou o *hip-hop* para a Praça da Sé. Apesar de seu início no país, estar vinculado à cultura *Black*, o *hip-hop* no Brasil, não faz parte da estrutura do movimento negro; ele está ligado, de forma geral, aos novos movimentos sociais que têm contribuído para a revitalização do antigo movimento negro.

De acordo com Silva (1999), o *hip-hop*, que significa saltar (*hip*) e balançar o quadril (*hop*), envolvia no seu início a dança *break*, o grafite e o *rap*, numa fusão desses elementos dentro da cena cultural.

Atualmente, já existe um consenso entre as pessoas envolvidas com o *hip-hop*, que são quatro os elementos do movimento: o mestre de cerimônia (MC), cantor de rap; o disc-jóquei (DJ), discotecário que comanda o baile; a dança manifesta no *break* por meio dos dançarinos (*b-boys*); e a pintura, com o uso do

grafite.

É interessante notar que o *hip-hop* liga-se à noção de movimento com o saltar e balançar o quadril, porém, esse movimento não ocorre de forma isolada. A realização dos quatro elementos constitutivos do movimento ocorre de forma articulada, justificando a sua existência em um movimento cultural, ligado às vivências artísticas, possuindo um sentido mais amplo do que a realização de cada um desses elementos de forma isolada.

Com relação à cultura *hip-hop*, parece ter surgido devido à possibilidade de desenvolvimento de uma identidade alternativa e de *status* social para, em locais onde instituições tradicionais de apoio desapareceram. Isso fez com que esses grupos possuíssem um tipo local de identidade, de filiação grupal, com base em elementos variados, como moda, linguagem peculiar e espaço próprio de cada grupo.

A experiência local e específica, e o apego a um *status* social em um grupo local ou a uma família alternativa, têm profunda ligação com a formação da identidade no movimento *hip-hop*.

As pessoas participantes nesses movimentos, ao redor de um vínculo intercultural, formam um novo tipo de "família", promovendo isolamento e segurança em um ambiente complexo e inflexível, contribuindo para a construção das redes da comunidade, que servem de base para os novos movimentos sociais (ROSE, 1997).

De forma semelhante ao processo histórico ocorrido nos EUA, o *hip-hop* no Brasil, de acordo com Herschmann (2000), veio "no embalo" da cultura *Black* e desenvolveu-se no país, em meados da década de 80, nos salões que animavam a noite paulistana, no circuito negro e na periferia da cidade, caracterizando-se pelos temas das composições, que abordam miséria, violência urbana, racismo, dentre outros elementos ligados ao dia a dia da periferia da cidade, além da "verborragia" utilizada entre os participantes no movimento.

Representado na maioria das grandes capitais do país, o *hip-hop* tem suas bases mais desenvolvidas no Rio de Janeiro e, especialmente, em São Paulo, contando com a presença de vários artistas conhecidos do grande público (casos dos Racionais MC's, Pavilhão 9, Thayde e Dj Hum), entre outros.

Herschmann (2000) diz que o *hip-hop*, assim como as demais expressões culturais surgidas nas classes populares, sofre de forma preconceituosa. Por parte da mídia, esse preconceito também é notado. Observa-se processo de

estigmatização, oriundo de leituras equivocadas dos elementos constituintes do movimento, como as músicas, com suas letras ácidas, algumas que, até mesmo, glorificam o “mundo do crime”, caso do “*gangsta rap*” e das danças, que são consideradas incitadoras da violência urbana e da delinquência juvenil.

Há, ainda, por parte daqueles que desconhecem o *hip-hop*, a imagem de que o uso de drogas por parte dos “manos” seja algo bastante comum, encarando-os de forma extremamente preconceituosa no cotidiano. Essa é uma questão controversa e, por isso, bastante polêmica, justamente dentro de um movimento que tenta vivenciar valores diferentes na sociedade, alertando especialmente os jovens sobre os problemas relacionados a essas questões.

No entanto, a questão dos preconceitos e da exclusão ultrapassa a perspectiva de classe social, como geralmente é colocado e questionado pelo movimento *hip-hop*, envolvendo questões interclasses sociais, relacionadas à mulher e às suas possibilidades de participação no grupo. Essa discussão sempre gira em torno das pessoas pobres e suas dificuldades em relação ao sistema social estabelecido, mas é importante chamar a atenção para as situações de exclusão no próprio movimento. Questionam-se as dificuldades enfrentadas pelos “manos” e “minas” para a inserção na sociedade, mas, por mais paradoxal que seja, “esquece-se” as dificuldades enfrentadas pelas “minas”, em um movimento que busca a superação da exclusão social. (MAGNANI, 2000)

Também o grafite, arte que busca a apropriação/reapropriação de certas áreas da cidade, como resposta à exclusão que as pessoas sofrem, em relação ao espaço urbano, é, no do imaginário popular, constantemente reduzido à pichação.

Os participantes dos movimentos *hip-hop*, em muito se identificam com uma parcela da população, que é caracterizada como pobre morador da periferia, carente de espaços para o desenvolvimento de vivências relacionadas ao lazer, e “tatuado” por uma série de estereótipos, seja de ordem racial, educacional ou econômica.

A relação entre juventude e *hip-hop* com a questão do lazer, da mesma forma, é bastante próxima, pelas oportunidades que essa vivência proporciona como resposta às diferentes situações de exclusão social, com a falta de opções que se verifica para essa parcela da população no cotidiano.

Em um trabalho sobre a juventude brasileira e as culturas do lazer, Dayrell (2006) afirma que é no tempo livre que a juventude constrói suas normas e expressões culturais, definindo seu modo de ser diferente do adulto. Para ele, “[...] é

preciso considerar o lazer (...) na fase da juventude, como campo potencial de construção de identidades, descoberta de potencialidades humanas e exercício de inserção afetiva nas relações sociais” (p. 2), e o hip-hop, apresentado na sequência do capítulo, é uma dessas vivências culturais que podem colaborar para a experimentação, para o desenvolvimento da sociabilização dos jovens a partir da convivência em grupos de iguais.

Sobre essa questão, um participante do movimento *hip-hop* afirma que:

existe muito preconceito por parte da sociedade e do governo contra o jovem pobre. No movimento conseguimos passar, por meio de nossa cultura, um pouco da dura realidade que a tv muitas vezes disfarça, além de ganhar dinheiro com a desgraça dos outros. É preciso se conscientizar de que a sociedade só vai mudar quando evoluir a mentalidade das pessoas. Temos que nos informar e conhecer a realidade para poder alterá-la (REVISTA E, 2000).

Grupos de *hip-hop* funcionam como elemento aglutinador de pessoas com interesses comuns, produtoras de uma cultura viva e atuante, que está em constante movimento de questionamento, articulação e renegociação com os elementos culturais provenientes da indústria cultural e que são despejados no mercado para serem consumidos como forma de inserção na sociedade.

No *hip-hop*, as “falas” produzidas pelos elementos visuais, físicos, musicais e líricos são compreendidas em movimentos constantemente interrompidos de forma brusca, por cortes angulares, sustentados através da fluidez e da circulação.

O grafite mostra claramente essa situação com suas letras longas, radicais, sinuosas e curvas quebradas em seu traço. São escritas em itálico exagerado, sugerindo o movimento de ida e de volta, em um movimento circular, além das palavras terem um duplo ou triplo sombreamento, movendo-se horizontalmente (ROSE, 1997).

As dificuldades e os preconceitos associados a esses públicos específicos afetam as possibilidades de apropriação e de inserção da juventude no espaço urbano, restringindo as oportunidades de lazer e de vivência participativa na cultura local.

Os processos indenitários estabelecidos no cotidiano, como os relacionados aos grupos de *hip-hop*, podem ser entendidos como um canal de resistência aos processos de fragmentação e de exclusão do tecido social.

Esses jovens podem, por meio do *hip-hop* e sem desconsiderar a

importância da educação formal, tomar as rédeas de seu próprio processo educativo, contextualizando-o de acordo com suas necessidades, desejos e experiências. É a perspectiva da educação para e pelo lazer, discutida no início do capítulo.

Essas culturas produzidas pelos participantes do movimento *hip-hop* sejam por meio da música, da dança, do grafite, ou das diversas “falas” produzidas pelo corpo, são analisadas na sequência, procurando-se, com isso, esclarecer: o que é o *hip-hop*; quais suas características e importância na nossa sociedade, categorias a serem analisadas na pesquisa de campo, na segunda parte deste trabalho, com base na inserção deste pesquisador em uma “posse” previamente escolhida.

Apesar de importantes para a continuidade do *hip-hop*, no sentido de arte engajada, a dança, com o *break* e o *street dance*, e o grafite possui um papel secundário no movimento atual, com poucas pessoas representativas e de projeção nacional quando comparados ao *rap* (HERSCHMANN, 2000). Entre o grafite, a dança, o *rap* e as construções musicais, Rose (1997) aponta a existência de uma conexão estilística centrada em torno de três conceitos: o fluxo, a estratificação e as rupturas sucessivas.

Os educandos podem, através do *hip-hop* e sem desconsiderar a importância da educação formal, tomar as rédeas de seu próprio processo educativo, contextualizando-o de acordo com suas necessidades, desejos e experiências. Onde a cultura produzida pelos participantes do movimento seja por meio da música, da dança, do grafite, ou das diversas “falas” produzidas pelo corpo apresenta à sociedade a maneira de enxergar o mundo desta parte da população.

ESTILO HIP HOP

Distinguem-se cinco estilos de dança Hip Hop que fazem do corpo uma forma única de comunicar e de competir: *Locking*, *Popping*, *Breaking*, *Freestyle* e *House Dance*. (ALVES, 2004)

O plano de estudos das turmas de Hip Hop prevê a aprendizagem de todos esses estilos, dando grande ênfase à coordenação motora com ritmo e

musicalidade, aos movimentos fortes e enérgicos, aos saltos e aos movimentos acrobáticos. Note-se que em inglês o termo *hip* significa anca e *hop* significa pulo.

Alves (2004) apresenta esses movimentos como:

O *Locking* surgiu em Los Angeles nos finais dos anos 60. Deriva do *Funk*, pelo que inclui passos desta dança e mudança de poses muito rápida. O *Popping* nasceu no início dos anos 70 em Fresno (Califórnia), e refere-se aos movimentos rápidos de contração e relaxamento muscular. O *Breaking* surgiu em 1975 em Bronx e é dançado no acento rítmico da batida. O *Freestyle* remonta a meados de 80 como resultado da mistura de várias danças de rua. É o estilo mais popular e tem sido amplamente divulgado pelos meios de comunicação social. É dançado no acento rítmico da batida e nas convenções vocais e instrumentais da música. O *House Dance* surgiu nos anos 80, mas transformou-se nos anos 90 sob a influência do New-school. Aqui, a tónica é colocada no trabalho de pés. (ALVES, 2004, p. 69)

Repare-se que, enquanto a música Hip Hop é ouvida pela maior parte dos negros Americanos, a música House faz furor entre toda a população, a nível mundial.

MARCAS DO HIP HOP NO DIA A DIA

Roupas e acessórios

Boné e Tênis



Moletom



A Escrita



Movimentos corporais na dança Hip Hop



(C) Jorge Ribeiro



Lista de Vídeos da Internet que apresentam a dança e a música Hip Hop

- http://www.youtube.com/watch?v=GWKDIF_oAXI
- http://www.youtube.com/watch?v=P6obS_v1CLE
- <http://www.youtube.com/watch?v=zohkeltSxaY>
- <http://www.youtube.com/watch?v=fYlcC5e0EsU>
- <http://www.youtube.com/watch?v=GzlhOzgQVFk>
- <http://www.youtube.com/watch?v=xVZydcVvMM8>
- <http://www.youtube.com/watch?v=quAeEwimqJ0&feature=related>
- <http://www.youtube.com/watch?v=Ndtochao3Fs&feature=related>
- <http://www.youtube.com/watch?v=xNRR9rdIcag>
- <http://www.youtube.com/watch?v=7RPHELe9JGo>
- <http://www.youtube.com/watch?v=QiitY35xx1g>
- <http://www.youtube.com/watch?v=kAKxjTRV6ms>
- <http://www.youtube.com/watch?v=JmlpkoJZWYg>
- <http://www.youtube.com/watch?v=LH6A-n4UOos>
- <http://www.youtube.com/watch?v=PQ2VFvJQhil&feature=related>

CONCLUSÃO

O hip-hop não é, portanto, um movimento orgânico que produz grupos homogêneos. Ao contrário, existem várias correntes, linhas e ênfases que os diferenciam em países, cidades, bairros e estilos, já que a circulação de bens culturais não se faz nunca em uma direção unilateral. Assim sendo, a discussão sobre as origens nunca vai acabar. Essa é uma controvérsia constitutiva do hip-hop. Na verdade, ao reafirmar ou negar raízes do passado, os grupos estão se posicionando sobre questões do presente, estão fazendo escolhas e construindo alianças e identidades.

Assim, este movimento cresce, expande-se, sai da periferia e conquista outros bairros da cidade. Com isso, ganha novos adeptos, novos simpatizantes. Passando a existir uma conscientização que proporciona a percepção de um sentido aos elementos do hip hop.

Portanto, o hip hop pode ser considerado como uma cultura de rua, e muitos de seus adeptos, como integrantes de uma tribo urbana, já que aderem ao estilo apenas por curtirem a música, tendo como único intuito a diversão, o convívio com o grupo, o estar junto sem preocupação futura, o ingresso unicamente pelo estilo estético. Por outro lado, tudo indica que isso certamente se esvaziaria, sofreria mutações ao longo dos tempos, se não houvesse uma causa, se, por trás das roupas, música e pintura, não houvesse a luta, o engajamento social e uma estratégia de atuação.

Na qual todos esses atributos ligados ao estilo e considerados como elementos essenciais, que constituem constitutivos do hip hop; que contribuem favoravelmente à sua causa, não se sobrepondo a ela, mas sim, ajudando a leva-la adiante, constituindo um movimento social.

REFERÊNCIAS

ALVES, F. S.; DIAS, R. A dança Break: corpos e sentidos em movimento no hip-hop. *Motriz*. Rio Claro: UNESP, v. 10, n. ° 1, p. 1-7, jan.-abr. 2004.

DAYRELL, J. Cultura e identidades juveniles. **Última Década**. CIDPA: Viña Del Mar, nº 18, 2003, p. 69-91. Disponível em:

<http://www.colombiajoven.gov.co/documentos/ultima_decada/18_3.pdf >. ISSN 0103-4014

FREIRE, I. M. **Dança-Educação: o corpo e o movimento no espaço do conhecimento**. Cad. CEDES, v. 21, n. 53 Campinas, Apr. 2001

HERSCHMANN, M. **O Funk e Hip-Hop invadem a cena**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2000

MARQUES, I. A. **Ensino da Dança Hoje: Textos e Contextos**. São Paulo: Cortez, 1999

MARQUES, M. O. **A escola no computador: linguagem rearticulada, educação outra**. Ijuí: Unijuí, 2006.

MAGNANI, J. G. C. **Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade**. 2º ed. São Paulo: Hucitec/UNESP, 1998

MAGRO, V.M.M. Adolescentes como autores de si próprios cotidiano, educação e o Hip hop. In: **Caderno Cedes**, vol. 22, n. 57. agosto, 2002

PEREIRA, S. R. C. et. al., Dança na escola: desenvolvendo a emoção e o pensamento. **Revista Kinesis**, Porto Alegre, n. 25, p.60- 61, 2001

PIMENTEL, S. **Festa do rap em sapopemba**. Caros Amigos, Edição Especial, Editora Casa Amarela, São Paulo, setembro de 1998

RANGEL, N. B. C. **Dança, educação, educação física: proposta de ensino da dança e o universo da educação física.** Jundiaí: Fontoura, 2002

ROSE, T. Um estilo que ninguém segura: política, estilo e a cidade pós-industrial no hip-hop. In: HERSCHMAN, Michel (Org.). **Abalando os anos 90:** funk e hip-hop: globalização, violência e estilo cultural. Rio de Janeiro: Rocco, 1997, p. 190-213

SILVA, J. C. G. Arte e educação: a experiência do movimento hip-hop paulistano. In: ANDRADE, E. N. A. (Org.) **Rap e educação, rap é educação.** São Paulo: Summus, 1999,